

Considerações

Uma das etimologias mais interessantes é a da palavra *consideração*. A sua origem vem do Latim *sidera* que significa estrelas ou constelações. Antes da modernidade a Astronomia tinha um papel central. A actividade centrava-se em detectar padrões, que ajudariam a prever o nosso destino.

Os artistas contemporâneos estiveram envolvidos na *consideração* do Cosmos, mediado principalmente através da fotografia. Wolfgang Tilmans parece partilhar uma perplexidade quase infantil no que diz respeito à extensão e complexidade do Cosmos com os seus observadores. Cerith Wyn Evans delicia-se ao dizer-nos como partículas de poeira registadas em filme fotográfico de astrónomos, esteve na origem da listagem das principais estrelas. Vija Celmins - encantada com o facto de as suas fotografias serem fonte de campos estelares – libertou, obsessivamente, o branco do papel do intenso fundo negro a grafite, que é o seu Espaço.

Evidentemente, Inês Rebelo usa fontes fotográficas no seu processo, partilha também ao fascínio destes artistas por imagens do Espaço, embora recriando-as, no seu trabalho, muitas vezes com uma intenção cómica. Na obra *Apophis Found*, o absurdo resulta do contraste entre pequenas partículas e a informação proveniente do texto que acompanha a obra, onde se aprende sobre uma potencial colisão de um ínfimo ponto com a Terra. Não sabemos bem se a possibilidade de um apocalipse é ou não verdadeira, embora esta provenha de uma revista científica.

Consideração volta-se sempre para os espectadores e o seu equipamento. Inês Rebelo convida o espectador com os seus Planetários portáteis, a tenda e os chapéus-de-chuva perfurados, os telescópios através dos quais dois visitantes casuais podem observar as retinas um do outro, e as cartas de jogo astronómicas para reflectir os nossos acolhedores modelos de estrelas e o nosso aparato físico e emocional. Convida-nos também a jogar, o que faz, por exemplo, nas pinturas com recriações de fotografia do rasto de estrelas. Estas meticulosas recriações de imagens do rasto de estrelas pretendem, de forma absurda, que o pintor tenha uma retina super lenta capaz de reter a luz durante horas. Estas pinturas pseudo-astronómicas, reminiscentes da Op Art, são um jogo aprazível, que nos recorda a relatividade do tempo e apontam, humoristicamente, para o facto de nos sentarmos num trono de brincar mecânico no qual a luz grava as suas marcas. O absurdo de pintar um Buraco Negro leva o observador à conclusão de que, o que acabamos por fazer é projectar os nossos padrões na imagem de estrelas. Ao olhar para os buracos e a

nebulosa vemos olhos, chaleiras, animais e monstros. Assim como nas tendas e chapéus-de-chuva de Inês Rebelo, aplicamos os nossos mapas acolhedores.

As pinturas e as suas legendas são sinalizações absurdas para o espaço. Os seus materiais e dimensões são reminiscentes de vitrines de museu. Por vezes, eu desejava que as vitrines adquirissem o tamanho de um placar e que, em vez de uma galeria, estivessem na rua ou na beira da estrada. Isto seria consistente com o uso de tinta e materiais industriais. É em cenários do quotidiano que devemos ser lembrados da nossa incapacidade desesperada de considerarmos o nosso lugar no Espaço. Por exemplo, *Sem Fuga*, baseado numa imagem da National Geographic de um Buraco Negro que engole todas as estrelas à sua volta como um campo magnético aponta para a morte das estrelas com a legenda *without escape*/sem fuga (na verdade, bastante trágico e assustador). Esta peça poderia viver como Espaço de Sinalização na entrada de uma estação ferroviária, mais do que numa galeria, e servir de gentil lembrança do absurdo das nossas tentativas de definir e cartografar o nosso lugar.

Como Lewis Carroll, o seu herói literário, Inês Rebelo acaba por ilustrar o absurdo da viagem e das tentativas de localização precisa. As suas peças de sinalização espelham o conforto inicial das experiências da tripulação em *The Hunting of the Snark*, quanto o capitão concebe o mapa para guiá-los através do mar vasto e aterrador, apenas para perceber que o mapa é vazio e mal catalogado, o que leva a uma navegação desesperada e contraditória.

*Ele comprou um grande mapa representando o mar,
Sem o mínimo vestígio de terra:
E a tripulação ficou muito satisfeita ao encontrar,
Um mapa que todos podiam alcançar.*

Charbel Ackermann, 2009
Tradução: Joana Simões Henriques